

Ficções Reais **Realidades Ficcionais**

Felipe Cotias



Ficções Reais

Realidades Ficcionalais

Sumário

Prefácio.....	4
Yan Torres Morreu por Amor	6
Féri Têial.....	13
Lírio-do-Vale, a Rainha Orquídea, o Rei Nenúfar e a Tulipa Amarela	18
A Era da Segunda Inocência.....	31
Capas.....	35

Prefácio

A partir do final do século XIX, um estilo de se contar histórias ganhou força e adeptos graças aos avanços das ciências biológicas e humanas, assim como à nova economia industrial. Tratava-se do *realismo*, escola que abolia as fantasias românticas e retratava cenários, personagens e suas histórias com todas as “sujeiras” próprias do mundo real. Não mais se banqueteara iguarias de países desconhecidos para comemorar uma vitória em batalha gloriosa; devorava-se miúdos roubados porque o estômago roncava e a barriga doía. Fantasias românticas eram bobagens sentimentais, paliativos insensatos e não sustentáveis para amenizar a dor da realidade.

Só que ficamos com um gosto amargo na boca. Por isso procuramos deleites ainda mais doces. Floresceram as fantasias e as ficções científicas mais irreais, improváveis, questionáveis. Brincamos com feitiços, dragões, sabres de luz e anéis de invisibilidade. Os experimentos de realismo mágico nos fizeram perceber que a fantasia é uma bela forma de enxergar a realidade. Nossa filosofia passou a combater com prazer a tirania do iluminismo – quem disse que o conhecimento moderno é o único com valor? E se os modelos de pensamento forem válidos no quanto eles nos servem individualmente?, pergunta-nos o pragmatismo pós-moderno, numa das vezes pela boca do famoso Pi, o sobrevivente de um naufrágio amparado por crenças sobrenaturais.

Nesse contexto surgiu a ideia, desenvolvida em coautoria com o amigo Michael E. Araki, de classificar certas manifestações da arte sob a

denominação de *Romantismo Cético*, sempre quando o objetivo artístico é de encontrar beleza idealizada – e até mesmo potencializá-la – na realidade como ela nos é descoberta sob as asas do iluminismo. *É lindo ouvir os passarinhos cantando para celebrar o dia*, diz o romântico; *são seres desesperados por comida e sexo, gritando para aumentar suas chances*, diz o realista com um sorriso irônico; *que lindo ouvir passarinhos clamando por sexo e comida, que lhes movimentam a vida!*, exclamamos nós, os românticos cétricos, com a mesma feição admirada do romântico não esclarecido.

Assim, abrir os olhos do leitor para o romantismo de todo realismo é um dos propósitos deste livro, mas não é o único. Também obtemos satisfação (provavelmente aquela do sorriso irônico) ao destrinchar o realismo de toda fantasia. Em *Ficções Reais, Realidades Ficcionalis*, espero ter conseguido apresentar um pouco dos dois: as belas fantasias da realidade suja e a realidade suja das fantasias não tão belas. Boa leitura!



Yan Torres Morreu por Amor

Ninguém jamais soube, mas Yan Torres morreu por amor. Foi uma história fascinante, a desse rapaz. Como posso começar?

Em primeiro lugar é bom que eu me apresente, o que no momento me parece a parte mais difícil dessa história. Eu sou o que se poderia chamar de expressão racional do complexo nervoso do Yan. Sou suas conexões nervosas, seu sistema límbico, suas programações genéticas sobre como reagir e criar modelos de pensamento a partir de cada manifestação de seu ambiente. Sou a expressão do que havia de inexpressável no Yan; a razão manifestada a partir do que nele havia de irracional; o pensamento advindo de interações nervosas que jamais puderam progredir à consciência. Se quiser, por conveniência,

pode me chamar de “alma” do Yan. Só que eu não vivo fora do corpo dele. Ele morreu e eu morri junto.

Apenas no dia de sua morte fui capaz de gerar essa expressão em palavras, contar essa história. Por que? Por compaixão. Deve ter sido por uma falha na replicação do DNA, dessas que dão de tempos em tempos e fazem as espécies alterarem, essa história de um complexo nervoso com compaixão. Geralmente nós, as “almas”, queremos que os desejos dos indivíduos que habitamos vão para o diabo – estamos apenas reagindo aos estímulos do meio ambiente e reprogramando sistemas mentais de acordo com as instruções genéticas que nos foram impostas. Mas eu me compadeci do Yan, pois ele sempre desejou que as pessoas soubessem que ele morreu por amor. Um desses desejos sem sentido que eu tive de dar a ele devido a alguns instintos sexuais e sociais.

Desde criança fiz com que Yan sempre fosse muito vulnerável aos estímulos emocionais. Ouvia seu avô, por exemplo, com um senso raro de admiração, afeto e respeito. Seu avô lhe disse uma única vez para molhar os pulsos antes de pular na água fria e usei toda a admiração de Yan para programá-lo a, pelo resto de sua vida, executar ritual quase solene de mergulhar os pulsos na água, aguardar minutos e só então avançar no mar. Contou-lhe um dia uma história de atropelamento e eu o conduzi a sempre olhar para os dois lados antes de atravessar a rua.

Yan brincava com seus vizinhos do prédio de todo tipo de esporte. Desde sempre dizia que sua brincadeira favorita era o futebol. Não era. Yan não sabia, mas sua brincadeira favorita quando era mais criança era o cabo de guerra. Ignorou esse sublime sabor por cessão aos desejos de seus amigos. E, depois de adolescente, enquanto continuava dizendo que seu jogo favorito era o futebol (uma vez disse que era apostar corrida, devido ao calor de uma vitória, mas logo esqueceu), sua brincadeira favorita era mesmo o jogo de

adedanha. Para quem não sabe, *adedanha* é aquele jogo em que se sorteia uma letra e cada jogador tem que falar uma palavra começando por aquela letra, geralmente de acordo com diferentes categorias (animal, cidade, objeto). Nessa época, Yan jogava muito com seus pais e com sua irmã.

Um dia um amigo mais velho da família também jogou. Dei a Yan uma vontade enorme de se mostrar inteligente perante o estrangeiro, tão grande que ele se afobou e errou uma palavra simples. País com A: América. Todos riram dele. Yan queria fugir, queria sumir dali. Não soubera onde estava com a cabeça. Eu sabia. Ele estava com a cabeça concentrada em ser melhor contra o intruso que invadira o jogo favorito dele com sua família. Desde esse dia passou a dizer que não gostava de nenhum jogo “parado”. Reforçou a tese da preferência pelo futebol. Era mentira. Ele sempre guardou consigo as delícias daquele jogo. E toda vez que negava brincar com algum grupo, para manter a imagem que então criara de si, remoía-se por dentro.

Sim, eu programei sua mente para impedi-lo de querer jogar de novo, de modo a fugir da decepção. Fazer o que? Naquela época eu não tinha nenhuma compaixão. Não tinha nenhum remorso, por exemplo, de programá-lo a apertar sempre três vezes o botão do andar desejado no elevador, e de lhe causar angústia inescapável quando alguém apertava mais ou menos vezes o botão. Era assim que tinha que ser, para estimulá-lo a buscar padrões – uma característica fundamental num mundo em que quem melhor organiza as informações recebidas tem melhor chance de obter recursos para sobreviver.

Mas enfim, naqueles tempos passados, quando ainda jogava *adedanha* com sua família, seu momento de maior felicidade era quando tinha que preencher flor com a letra R. Ele colocava “rosa” e passava rapidamente para a próxima coluna. Não havia necessidade de ficar ponderando sobre outra flor, raciocinava. Só eu sabia a verdade. Que quando ele preenchia “rosa”, sua

hipófise lhe lançava endorfinas através do sistema sanguíneo e ele suspirava. Que seu pensamento profundo, oculto, era *rosas brancas*. Não a palavra em si, mas todo o efeito que a imagem, o odor ou a menção ao nome gerava nas intrincadas conexões com as quais eu costumava trabalhar em sua mente.

Este o fato que eu sempre escondi do Yan: a partir do início de sua adolescência, a maior parte de sua excitação sexual, passional ou amorosa em qualquer sentido, em todas as áreas de sua vida, esteve vinculada a *rosas brancas*.

Permita-me explicar. Quando Yan iniciou as experimentações da puberdade (especialmente as excitações mentais, estas que costumam passar esquecidas pelos fisiologistas), Yan viu uma figura numa revista com uma mulher deitada num campo verde e rodeada de rosas brancas. Eu o remeti a algumas fotos antigas de seus pais, tiradas durante a Eco-92 e fiz com que ele associasse a felicidade amorosa expressada por seus pais naquele momento com ideais bucólicos de flores combinadas com liberdade. As flores, nos cabelos de sua mãe naquelas fotos, naquelas fotos que o olhar de sua mãe demonstrava involuntariamente estáveis e alegres relações sexuais, também eram rosas. Rosas brancas.

A partir daí eu não lhe dei trégua. Fiz com que ele gostasse apenas do início de Alice no País das Maravilhas, quando ainda havia menções a campos floridos e à liberdade contra as regras da lógica – aticei-lhe repugnância no capítulo em que pintam as rosas brancas de vermelho. Causei-lhe sono devastador para que escapasse imediatamente da leitura e ele passou a dizer a todos que aquele era um livro chato, que odiava fantasia e gostava mesmo dos livros biográficos.

Falava a seus amigos de adolescência que seu filme favorito era Coração Valente. Boa saída. Aproveitou o tema da liberdade e dos campos verdes, temas que eu também usava para excitá-lo. Mas não era a verdade absoluta.

Seu filme favorito – que lhe arrepiava e aprazia como nenhum outro – era um outro clássico também lançado durante sua tenra infância: Titanic. Porque a protagonista se chamava Rose. E porque ela era branca. Sim, se ela tivesse outro nome ou se fosse negra (ainda que as condições históricas permitissem), ele não teria sentido absolutamente nada com aquele filme. Eu não tinha muitos escrúpulos naquela época – como não existem leis contra sistemas nervosos preconceituosos, eu tornava Yan extremamente discriminatório, ainda que ao mesmo tempo, para protegê-lo da condenação por sua comunidade, eu fizesse com que ele teimasse em não reconhecer seu racismo.

Aproveitei para que o filme lhe trouxesse um novo desejo inconsciente: que caso ele morresse (pois eu costumava fazer Yan acreditar que jamais morreria), ele morreria por amor.

Pois faz alguns dias Yan estava caminhando na Cidade Nova, em direção ao metrô. Tinha acabado de fazer a inscrição na faculdade para biologia (eu me orgulhei de o ter conduzido gradativamente a esse curso para mais tarde direcioná-lo à botânica) e, confiante a respeito do novo futuro a sua frente, retornava para casa. Foi então que ele a viu. Ela, uma jovem estudante de cabelos louros acastanhados, de pele dourada pelo verão carioca, que seguia no mesmo sentido. Usava um vestido azul.

Decorado de rosas brancas.

Ele acompanhou por todo o caminho até o metrô o baloiçar de seu vestido, acreditando que se encantara exclusivamente pela moça. Pobre rapaz, chegou a raciocinar que o vestido era apenas o invólucro da beleza que ele detectara exclusivamente nela.

Ao chegarem, a estação estava lotada. Centenas de pessoas caminhavam para fora, manifestamente frustradas. Confusão. Por que? “Para eu esperar o dinheiro do bilhete vou ficar aqui até amanhã”. Problemas de “tráfego irregular devido a uma avaria em uma das composições”. Milhares de pessoas se acumulavam entre as bilheterias e as roletas. “O jeito é pegar um ônibus”. “Onde eu pego ônibus aqui para a Pavuna? Vou ter que voltar até a Central?”

Yan ficou desorientado. A culpa não é toda minha, não tive muitos estímulos de multidão para trabalhar com ele. A moça do vestido de rosas brancas se aproximou. Ela também estava desorientada. Yan olhou para ela e os olhos dela encontraram os dele. Yan convenceu-se de que havia algo de engraçado naquela confusão para que se sentisse suficientemente seguro para sorrir. Ela retribuiu o sorriso. Caminhou até ele e perguntou se ele sabia a melhor forma de chegar no Flamengo. Yan explicou detalhadamente quais os ônibus na Presidente Vargas lhe serviriam. Ela se despediu, ainda sorrindo. Ele estancou. Queria segui-la, mas não teve certeza se era seguro. Bem, com o intuito de protegê-lo da dor, eu fiz com que ele tivesse algum receio de rejeição. No meio do caminho, antes de sair definitivamente da estação, ela voltou-se para ele novamente e acenou, se despedindo.

O coração de Yan disparou. Não teve mais dúvidas, estava apaixonado. Aquela era a mulher da vida dele e para ele não importava que seu vestido tinha rosas brancas, que a saída da estação ativara nele certa sensação de liberdade, que ali próximo havia um gramado que podia ver à distância – nenhum dos truques que eu trabalhei meticulosamente para causar-lhe as sensações do amor lhe importavam. Ele a amava.

Saiu agitado da estação. Procurou-lhe por entre a multidão de frustrados e desorientados que circulavam olhando de um lado para o outro sem escolher direção. Viu-a do outro lado da rua, já em cima do gramado que outrora estava à distância, livre da multidão, com seu vestido de rosas brancas.

Pela primeira vez na vida, atravessou a rua sem olhar para os dois lados. Foi atingido em cheio por uma motocicleta que corria na contramão, por motivos que me são ininteligíveis.

Ninguém jamais soube, mas Yan Torres morreu por amor.

FIM

Féri Têial

Charnecando por entre não tão verdes ramos de algum lugar impertinente do pantanal mato-grossense, um cão fedido deslocava seus sentidos para um mais saboroso fedor, encarnado na bosta de um cavalo, idealizado como gosta, por mesclá-lo a um delicioso antigo bolor. Corria de tal forma desajeitado que um biólogo mais atrapalhado, bêbado ou apaixonado, a trabalho de nova corrente, lhe atribuiria uma única fileira de patas, não correlatas, mas independentes. Era desraçado o animal, de porte anormal, daqueles que por mais que boa vontade tenham e que venham a tentar, não se consegue de verdade humanizar com aquele antropomorfismo tão natural do cismo amoral que têm as senhoras sem amantes por seus mudos poodles saltitantes.

Não menos truculento, o seguia um tipo corpulento, de roupas claras claramente amarrotadas e encardidas, cheio de cicatrizes e feridas infeccionadas, que agarrava-se a uma espingarda de caça, em guarda para caçar pássaro mais graúdo ou menos sortudo que vagando sob o cálido sol deixasse seu sábado menos só. Bicou o cachorro com sua bacteriosa bota, dando-lhe aquele esporro para que abandonasse a maciota, esbaforido, pois naquele mangue sangue avícola já se havia escorrido.

Tão logo o bicho parou ao primeiro penado cadáver, disparou a arma sem pestanejar ao ver outra notável criatura velejar a considerável altura. Era um pássaro esquisito, de longas asas turvas como o mar infinito, ondas do

ocaso perdidas, ruflando em curvas no celeste azul claro do dia. Desceu tão leve às matas mais adiante que parecia balonete não flamejante de uma dessas festas juninas de agosto, suave queda bailarina de um agonizar que dava gosto.

Abandonou seu cão naquele já obsoleto chão, ignorando sua primeira vítima com a típica expectativa íntima de que a entidade posterior preencheria todo o vazio de seu brio sem calor. Qual não foi sua surpresa ao ver que sua presa era uma delicada loira num anil vestido, que só uma tresloucada Moira senil poderia ter tecido. Aparentava juventude invejável, corpo esculpido de saúde, tão amável seu rosto que de cupido não precisava para inflamar a alma de quem com ela se deparava. Um ensejo ao desejo era o azulíssimo cetim que aleava de suas costelas e que mantinha cobertos os mistérios da donzela.

Era uma fada em azul, ou uma Deusa do sul, não importava: na cabeça depravada do caçador só vagavam sentimentos semelhantes ao amor. Tal oportunidade era o máximo que teria em toda sua vida – tomou a beldade no braço e seguiu para casa a toda a brida.



Não cansou de admirar seu achado enquanto lhe curava os machucados e o canino bradava irado de anseio lá fora, em vigia a seu dono, que acariciava fascinado os seios da esguia senhora em sono. Quando suspendeu as pálpebras a moça, a ela deu as sobras do almoço. Seu olhar ainda mais ciano era aconchegante como pano elegante no inverno e seu sorriso celestial, tão natural e terno, retribuía em carinho cada gesto manifesto em seu caminho.

Não sabia o que era afeto, mas levou-se pelo instinto e beijou-a, sempre quieto, suave, mas faminto. Quão contentes contornos! Tez de pura mocidade, comovente sabor nos seus lábios - já era vez de algum Deus sábio oferecer estipêndio generoso, num incêndio de gozo, para tanta grossura e fealdade!

Liquefeito por secreções odorosas seu leite de sessões amorosas, teve que ir ao mercado, pois o alimento à mesa já lhe era acabado, e caminhar pela cidade com o orgulho da beleza que possuía em casa lhe entulharia da mais louvada e rasa felicidade.

Mas que malfadado destino, um diabo de primo veio a surgir diante de tão promitente porvir para dividir aguardente e o jantar invadir! Veio meio desgosto meio gosto, como a bebida mal bebida - não queria que ele gostasse, mas queria que invejasse. E como falava o infeliz, como toda gente insuportável de fato, tão diferente da reles perdiz que se cala agradável sem peles num prato.

Enquanto entravam em seu lar uma surpresa à parede estupefazia: podia aquela princesa não falar, mas tanto pintava, e com maestria! Sabe-se lá de que violados penugentos desentranhou os penachos pincéis ou em que tachos cozinhou os intrincados unguentos de matizes fiéis. Estendiam-se adornos inteiros para os quais Dali tiraria o chapéu, e sabia que os retornos financeiros dali equivaleriam aos de um bordel.

Mas o conviva, embasbacado, ficou ativo e também empacado, ora rente a laranjas floridas do painel, ora frente àquela anja preferida do papai do céu, que em cumprimento lhe sorriu com atenção, sorvendo com graça a gentil aprovação. Desembestou-se, ferrenho, em ladainhas açucaradas, elogiou o desenho, as linhas, e até as partes intocadas. Com palavras a fada não respondia, mas tremulava as asas, e sorria.

“Rameira ingrata!” - em silêncio decretou o néscio quem lhe atirou primeiro, na mata. Assim como um cume, numa tarde, cegou Moisés, o ciúme forçou-o uma verdade, não dez. Absorto, elaborou conciso: a um morto há choro, nunca riso.

À noite na rua para trazer agrados e mimos para sua nova admirada, um açoite na nuca indicou ao indesejado primo uma sova em emboscada. Desorientado, soltou um estragante cruzado de direita para o lado direito, mas no quadrante errado. O assassino o espancou na cabeça, capricho que abrandava a gritalhada que enjoa, como na sua rotina, com destreza, a bicho que anda, que nada ou que voa. Seu cão correu de ponto a outro, bradando atacado, feliz, pois no chão morreu de pronto uma outra grande deformada perdiz.

Atirou a um valão a carcaça, o pau e a camisa quente e suja. Voltou então para casa com total precisa certeza que a lindeza era só, finalmente, sua.

Já em seu forte de sarrafos, tomou-se de silente desespero e aflição, souou de quizila e de ira - má era sua sorte sempre na empáfia - revirou tudo à frente mais o que tinha de cozinha, de banheiro e de colchão: sua pupila sumira. Afora atroou insano a porta da sala de seu recanto para agora, conjecturou, se não morta, caçá-la noutro canto.

A retina incinerada em brasa pela animosidade posta à imagem da fujona, bufando, com espanto, avistou-a sabe onde? Cretina! Em cima da casa,

levitada de costas sobre a laje, bufona, cantando, enquanto pousou um sabiá em sua frente.

Com brados roucos trouxe-a abaixo e pelos braços, mouco a seus rogos, sossegou-lhe o facho. A alada senhorita não entendia porque era levada a grita, e se carpia. Seguiu à cama, não lhe permitiu mais um piu sequer; despiu a dama, que não consentiu como mulher, e a invadiu. À menina tudo doía; agitava as asas, em agonia. A seu enticante feitor era claro, tanto como de dia: sua amante cantora lhe era cara, porquanto lhe pertencia. Para que nunca mais fugisse e também nunca mais se cobrisse, decidiu com simplicidade exemplar destituir-lhe a capacidade azular. Com as nuas mãos arrancou o par imaginal de asas constrito em riste a suas costelas e em todas as luas em vão se escutou um mar abismal de desgraças através dos gritos da triste donzela.

O vermelho cobriu os cenhos, os desenhos, o espelho, o anil.

Restou um casebre manchado de sangue, um cachorro excitado e com fome, uma moça assustada e insone e um vitorioso calado homem.

Pode até desacreditar o tanto erudito leitor que nossa história repleta de ingloria terminará como um conto bonito de amor. Mas por mais deprimentes que sejam estas últimas toscas notas distantes do aludido assunto, o fato é que se amaram loucamente algumas moscas em volta daquele já esquecido defunto, que viveram felizes e pervertidas até o fim de suas curtas e miseráveis vidas.

FIM

Lírio-do-Vale, a Rainha Orquídea, o Rei Nenúfar e a Tulipa Amarela

A Rainha Orquídea mandou que procurassem o mais bravo aventureiro para descobrir o mistério da maldição do coração de seu marido, o Rei Nenúfar. Lírio-do-Vale, o valoroso aventureiro solitário das Terras Jardim, chegou depressa ao Castelo de Turfa, montado em sua esperança de nome Saudade.

Passou primeiro por provas de força e coragem, aplicadas pelos mariposeiros da ronda noturna e até mesmo pelos honrados besoureiros reais. Enfrentou com facilidade os desafios de força, superou-se nos testes de coragem, porém o que mais surpreendeu as Damas da Noite que acompanhavam com expectativa as façanhas daquele jovem tão belo e de tanta força de caráter foi sua ágil demonstração de inteligência. Perguntaram-lhe difícil, para que escorregasse por entre palavras, mas ele respondeu sempre rápido e com a facilidade tal de quem mesmo tivesse elaborado a questão.

Ocorre que desde que era apenas um botão, Lírio-do-Vale recebia pouca água de chuva, retida em grandes folhas mais acima. Quando realizava algum feito trabalhoso, sentia a umidade e entendia que só era cuidado quando fazia algo extraordinário. Na verdade era o orvalho, que só sentia plenamente quando acordava mais cedo que de costume, e só acordava mais cedo quando antes havia trabalhado demais. Desde então Lírio-do-Vale amparou-se na mesma crença: jamais seria cuidado, apenas se fosse bom o suficiente e realizasse grandes feitos.

Superados os desafios, foi apresentado à Rainha Orquídea, que o recebeu com manifesta dedicação. A Rainha acreditava que só lhe ajudariam se fosse carinhosa e positiva, pois assim funcionou por tanto tempo; correr o risco de perder o sorriso de seus súditos lhe parecia doloroso demais. Guardava todos os seus “nãos” para os familiares, apenas.

Ela contou-lhe que já havia cinco anos que seu marido, o Rei Nenúfar, tivera congelado seu coração por uma terrível e misteriosa maldição. Outrora tão amável, generoso, caridoso e carinhoso, Rei Nenúfar mal olhava para as pessoas. Continuou a tratar dos assuntos do Reino de forma objetiva, apagado aquele calor que lhe era característico, desaparecido aquele amor que o fazia cuidar de sua Terra como se fosse sua mãe, chorando por ela, chorando com ela, rindo e bebendo a ela quando a alegria trazida pelo sol permanecia mesmo quando já estava para se deitar. Agora, seco, fazia o que devia ser feito e nada mais. Como quem alimenta um moinho, pouco importando o que dele se faz. E com ela, a Rainha, pobre coitada! Antes doce e meigo; agora seus beijos encostavam-na como uma casca seca de árvore endurecida pelo rigoroso inverno.

Lírio-do-Vale se emocionou com a história que a Rainha lhe narrou e quis muito ajudar. Beijou sua mão e prometeu que traria seu marido de volta, assim como era antes da maldição, para que ela mais uma vez pudesse desfrutar do sol, tomar seus banhos felizes e dormir com sonhos bons de quem tem o amor.

Montou em sua esperança e saiu voando a procurar pistas para resolver o mistério. Perguntou por todo o vilarejo sobre o que as pessoas lembravam da época que o Rei era o homem bom de quem todos gostavam. As borboletas nada lembravam, eram tão crianças! Só sabiam do mundo como era agora, esqueceram-se de seu duro passado, ignoravam os medos e os traumas que a todos transformam. Todos os outros habitantes pouco ou nada lembravam.

Sabiam de si e que havia um Rei; como agia, se estava triste ou se sorria, pouco lhe importavam. Lírio-do-Vale achava que sua busca era em vão. De que adiantava tanta coragem, tanta força e dedicação, se ninguém podia lhe ajudar no caminho para a verdade? De que adiantava ser tão inteligente se por mais rápido que pudesse pensar, mal sabia por onde começar! Assim confirmava suas ideias que não merecia cuidados exceto se fosse bom o suficiente. E o desespero lhe consumia.

Pousou numa macieira para descansar observando as rubras maçãs, deliciosas ao olhar, refrescantes para sua cabeça atormentada pela vergonha de não cumprir a promessa que fizera com tanto sentimento à bela e amável Rainha Orquídea. “São lindas, não são, as minhas filhas?”, indagou a macieira a seu hóspede, com o orgulho e a serenidade de uma senhora que já viveu tantos anos e teve tantas filhas bonitas que já rodaram por tantas partes do mundo, apesar de ela, a mãe, admirá-las tranquila, sempre parada no mesmo lugar, sem ânsia, sem agonia, com satisfação pelos frutos de seu amor.

“São mesmo muito bonitas”, respondeu Lírio-do-Vale. “Só elas para confortarem-me de minha derrota.” E, assim, Lírio-do-Vale contou toda a sua história para a Dona Macieira, de como se encantou com a beleza e com a gentileza da Rainha Orquídea, de como se sensibilizou com sua história e prometeu ajudá-la a salvar o coração do Rei, mas não conseguia obter qualquer pista sobre o mistério da maldição.

A macieira, então, muito calmamente, contou-lhe sobre o que lembrava do Rei Nenúfar quando ele ainda era apaixonado e passeava pelos campos para ouvir a canção dos pássaros e os conselhos da lua. Disse ela que havia uma feiticeira perigosa, evitada por todo o reino e que nutria uma profunda paixão pelo Rei Nenúfar. A feiticeira Tulipa Amarela ficou tão triste quando o Rei se casou, que se escondeu de todos, indo morar bem longe, profundamente emaranhada no coração da floresta.

A macieira disse que viu também, por duas vezes, depois de chorar por sob seus galhos, o Rei Nenúfar adentrando sozinho na floresta. E foi depois da segunda vez que a macieira nunca mais o viu e agora percebia que aquelas lágrimas deviam ter sido as últimas que o antes tão sentimental Rei derramara.

Lírio-do-Vale suspirou fundo e agradeceu a Dona Macieira por ter lhe contado tudo de bom grado. Não sabia ainda como poderia salvar o coração do Rei, mas pelo menos tinha conseguido importantes pistas para entender o mistério. Despediu-se da Macieira, que desejou sorte ao Rei, e de suas filhas, montou em Saudade e partiu renovado na direção do Castelo de Turfa, para informar à doce Rainha Orquídea o que havia descoberto.

Aterrissando frente aos portões, arrepiou-se por um certo instante com o olhar gelado que recebeu de um espírito tão forte. Deparara-se com o Rei Nenúfar! Tanto lutava para ajudá-lo, mas nem sequer cogitava dirigir-lhe a palavra, tamanho o desamor com que o Rei o ignorava. Saía com seus besoureiros reais para resolver assuntos e não lhe prestavam as conversas miúdas. Lírio-do-Vale acompanhou com os olhos o voo do Rei por alguns instantes e depois entrou no castelo em busca da Rainha Orquídea.

Ela o aguardava em seu quarto, cercada pelas Damas da Noite, que suspiraram ao ver Lírio-do-Vale tão de perto e se lamentaram quando tiveram que sair a pedido da Rainha para que os dois ficassem a sós.

Lírio-do-Vale segurou bem forte sua mão, com compaixão, e disse-lhe o que descobrira. Percebendo que a Rainha Orquídea continuava confusa, complementou com o que achava que podia ter acontecido. Sem ter plena consciência de seu intuito oculto de fazer a Rainha desgostar do Rei, montou sua hipótese da seguinte forma:

O Rei Nenúfar, num momento que se sentiu triste, procurou o consolo de Tulipa Amarela, antiga sua enamorada, que, num momento de fraqueza do Rei, se aproveitou para exteriorizar sua inveja pelo casamento com a então

princesa Orquídea e lhe enfeitiçou, lançando-lhe uma maldição para que ele nunca mais pudesse amar.

Orquídea ouviu preocupada e emocionada, com muita atenção, e, ao fim, chorou como chora às vezes a primavera quando lembra das flores que se foram e reza com seu sentimento às que estão nascendo. Lírio-do-Vale abraçou-a com carinho. Ela lembrava-se de tanto amor que tinha vivido com seu marido, e chorava num misto de saudade e de desilusão, por ter perdido seu amor daquela maneira, por não conseguir entender e suportar a traição. Guardou consigo a raiva de seu ciúme, pois para si era mais importante ter o carinho do Rei de volta. Concentrou sua dor em imaginar que sua perda foi causada pela mera inveja de uma feiticeira.

Lírio-do-Vale a beijou e a segurou firme pela cabeça. Decidiu partir para a floresta cedo no dia seguinte e enfrentar face a face a feiticeira Tulipa Amarela em nome da delicada Rainha. Despediram-se emocionados. Pela alvorada, já navegava os céus em Saudade pelos perigosos caminhos de seu destino.

Alcançou ligeiro o início da mata e sobrevoou baixo por sobre a floresta, desviando-se das árvores mais altas, para que nada lhe escapasse a atenção. Foi então que ouviu um choro manso, de soluços quietos e gemidos quase miados de uma voz doce como o néctar. Desceu mata abaixo depressa a procura daquela voz minguante, pois lhe doía o coração ouvi-la chorar.

Era jovem, quase criança, e muito bela. Pediu-lhe afagos, pediu-lhe conforto. Ele logo a tomou pelas mãos para que procurassem sua família. Ela o parou no caminho suplicando que ele a levasse para a casa dele, pois tomaria para sempre seus carinhos. Lírio-do-Vale negou. Ela precisava de amparo, mas do amparo de suas próprias raízes. Saindo da mata encontraram sua casa. Ela o agradeceu e ele partiu.

Seguindo o caminho pela mata em busca da Tulipa Amarela, Lírio-do-Vale percebeu que havia se perdido. Encontrou um casebre na borda de um riacho e por ali pousou. Estava nervoso por não saber por onde seguir. Bateu palmas e gritou pelo nome de Tulipa Amarela. Uma senhora com o dobro da idade dele, mas muito bela, saiu do casebre com panos brancos nas mãos. Todo aquele lugar cheirava a um delicioso jasmim. “Você é Tulipa Amarela?”, perguntou Lírio-do-Vale, com notável ansiedade.

A senhora disse que não, mas que podia ajudá-lo, pois ele parecia faminto e cansado. Deu-lhe panos limpos para que se lavasse e deu-lhe banho no riacho com as mais refrescantes essências. Depois lhe deu de comer e de beber. Tudo era tão aconchegante e de tanto bom gosto e que Lírio-do-Vale agradeceu com empolgação. A senhora então o convidou a morar com ela, pois sempre lhe daria todo o conforto daquele dia. Lírio-do-Vale explicou que precisava cumprir uma importante tarefa para uma dama de quem se tornara muito amigo e não poderia aceitar o convite, o qual agradeceu com considerável ênfase. A senhora sorriu e lhe deu as orientações de que ele precisava.

Lírio-do-Vale alcançou mais uma vez sua Saudade, acenou, e então partiu. Finalmente alcançou o local onde, segundo as informações que obtivera, deveria encontrar a Tulipa Amarela. Sob suntuosos carvalhos, pisando leve folhas amareladas e saboreando com doçura o respirar, uma belíssima jovem, de sua mesma idade, admirava as plantas da pequena descida. Lírio-do-Vale perguntou, com calma e cuidado, se era ela a Tulipa Amarela. Disse a jovem que era apenas uma amiga dela, que por ali passeava. Lírio-do-Vale apresentou-se e ela sorria com graça, olhando profundamente em seus olhos. Tudo o que ela dizia fazia-se nos movimentos de seu corpo mais belo. Ela não escondia sua admiração. Cumprimentaram-se com carinho e seus olhos se permitiram a realização de mais desejos que o cintilar de cem

estrelas cadentes. Um gesto e ela seria sua confidente e companheira, de carinhos mútuos e infinitos, para todo o sempre. Os olhos dela suplicavam uma resposta como um perfume ser inalado.

Lírio-do-Vale recuou e, tomando coragem, recitou:

- Estou enamorado de uma bela dama que não pode ser minha e jamais será. Ajudá-la-ei até o fim a reconquistar aquele quem ela ama. Mas, apesar disso, não posso trair meu amor.

E assim fechou os olhos. Uma fina lágrima escorreu pelo seu rosto.

- Apenas um além de você conseguiu chegar até mim, passando por minhas três provações. Eu sou a Tulipa Amarela.

Quando Lírio-do-Vale, surpreso, reabriu os olhos, lá estava, no lugar da bela jovem, uma dama diferente, de ares de mistério, de olhos como que para dentro de si mesma. Era a feiticeira Tulipa Amarela!

Ela o chamou para um belo jardim circular onde incensos na terra queimavam nos mais saborosos odores. Ofereceu-lhe de beber, mas Lírio-do-Vale logo perguntou:

- Por que você enfeitiçou o bom Rei Nenúfar? Acaso estava por ele apaixonada e, para vingar-se por ter ele escolhido outra consorte, lhe lançou uma maldição?

Tulipa Amarela bebeu seu preparado com calma, e, suavemente, respondeu-lhe:

- Enfeitei Nenúfar porque ele me pediu.



A feiticeira contou então, a Lírio-do-Vale, como tudo havia acontecido: Depois que Nenúfar casou-se com Orquídea, Tulipa Amarela ficou muito triste e recolheu-se para o coração da mata para que vivesse de sua magia e ninguém a encontrasse. A criança Tulipa Amarela tinha muitas primas mais velhas que brincavam de tudo do que era mais aceito; para se destacar, buscou prazeres mais difíceis, mais sofisticados, que só seu avô entendia. Quando seu avô se foi, Tulipa Amarela acreditou-se sozinha para sempre. Por acaso o Rei Nenúfar a conheceu e ficaram amigos; ele compartilhava alguns dos gostos da Tulipa Amarela e ela acreditou que aquela seria sua única chance de dividir a vida com alguém. Quando Nenúfar se casou com Orquídea, decidiu esconder-se para sempre e jamais deixar de confirmar seu isolamento.

Apenas alguém com muita força de vontade para fazer seu caminho pela densa mata e de um amor tão puro e verdadeiro capaz de superar suas três provas conseguiria encontrá-la. O primeiro, e o único antes de Lírio-do-Vale, a conseguir passar por todas as provas e alcançá-la foi o bom Rei Nenúfar. Disse-lhe ele que já havia pensado em procurá-la antes, mas desistira, e que, daquela vez, lhe parecia que sua feitiçaria seria a única solução para o que passava. Disse que vinha por causa de sua amada, a Rainha Orquídea. Disse o Rei que não havia sobre a terra ser mais amável, de jeitos mais apaixonantes, de personalidade mais admirável do que a bela dama que

tomara como esposa. Cada vez que a via, a alegria o dominava, seu coração pulava e brincava, o ar tornava-se refrescante, seus olhos brilhavam e seu espírito sorria dentro de si. Se ela o tocava, então, sentia como se o paraíso houvesse caído de repente e se mesclado com a terra num estrondo, como se as sensações de um agasalho no frio, à brasa de uma lareira, do vento sussurrante no calor, da chegada ao lar no cansaço, da reunião amistosa na solidão, se misturassem por encanto, percorrendo corpo e alma, num sentimento sem igual, com a doçura do amor. Amava-a e cada vez que a ouvia chamar seu nome se regozijava, se sentia vivo, presente, feliz. Quando juntos, sob a lua e as estrelas, beijavam-se, o chão sumia sob seus pés. Não sabia mais onde estava, se era mesmo ele, Nenúfar, ou se eram mais uma das estrelas, de pulsar intenso, calor brilhante, cercados pela paz do espaço, flutuando pelo céu. Quando, pela manhã, ela o acordava, soava sempre como um coreto infante de bem-te-vis ajudando a raiar o dia, emocionando-o com aquela voz que se ouvia diretamente no âmago de seu peito, ali reverberando por toda a manhã, acompanhando o ritmo de seu coração.

Mas a ebriedade daquele amor não pode ser eterna. E mais fácil via isso a pobre Orquídea que seu par, ainda entorpecido por aquela incontrollada paixão. Por isso nem sempre o que o Rei sentia era compartilhado por sua amável esposa Orquídea. Por vezes chamava seu nome, mas esse chamado era um desvio do que a Rainha se concentrava e era recebido por ela assim, só como um desvio mesmo. Por vezes, sob a lua e as estrelas, o sono a dominava devido ao cansaço do dia e ela não podia ser estrela, só dormia. Por vezes, ao acordá-la, sua voz era a de um galo inoportuno, que, perdido pelo castelo, cantava atrapalhado, ininterrupto, na hora errada. Às vezes se viam, mas ela não buscava vê-lo e seus olhos não lhe passavam alegria, mas desassossego.

E, nessas horas, o coração mole de Nenúfar espremia-se, retorcia-se. Toda a dor saía como o sangue de seu peito umedecido, vazando pelos olhos

nos seus prantos que pareciam não ter fim. Vendo-o triste, Orquídea pensava que ele não a compreendia e sentia-se separada por uma estranha distância, uma estrada vazia, de seu tão amado marido. Essa estrada vazia, sem marcas ou trilhas, assustava-os, e, assustados, afastavam-se mais. E quanto mais afastados, mais o coração de Nenúfar comprimia-se, mais lhe doía, e mais lágrimas dele fugiam.

Essa era sua dor, essa era a agonia que dominava sua alma, uma ânsia insuportável que consumia seus sonhos e que o fez, num ato desesperado, procurar ajuda da antiga conhecida feiticeira. Tulipa Amarela pensou por um tempo e logo ofereceu a solução: possuía uma poção que, se bebida por qualquer pessoa, a tornaria tão dócil, manhosa e dependente, que bastaria um gole para que Orquídea jamais deixasse de sorrir ao vê-lo, sentisse sempre lhe dominar o desejo por seus carinhos, recebesse sempre com um gosto emocionado cada um de seus abraços. Acordaria mais feliz sempre que ele a acordasse e só poderia dormir bem sonhando com seus beijos de boa noite. Sentiria sempre sua falta e bastaria que ele chamasse seu nome para que a alegria a inundasse por inteiro e ela pararia qualquer coisa que porventura estivesse fazendo para derreter-se uma vez mais em seus braços.

Nenúfar ouviu com atenção, mas com semblante sóbrio, rosto virado para o chão. Aquelas cenas brincavam soltas na sua imaginação, ao mesmo tempo em que esmaeciam até se desfazerem. Naquele momento o Rei derramou sua última lágrima.

- Eu amo Orquídea. Sou apaixonado por cada movimento seu, cada jeito. Quero viver ao lado dela até o fim de meus dias. Ao lado dela, e não dessa dama que me ofereces, não obstante suas qualidades. Tulipa Amarela, só há uma maneira que vejo para viver para sempre com meu amor, única fonte de meu viver. Quero um feitiço que endureça meu coração.

Tulipa Amarela sofria tanto quanto ele. Ainda o amava e sabia que seu amor por ele jamais cessaria. Por isso, também, jamais o contrariaria.

Inconscientemente fantasiasse que poderia causar no Rei um isolamento da espécie que a acometia, o que os poderia unir num futuro distante de seus sonhos velados. Mas também ela amava Nenúfar como ele era e por isso lhe doeu preparar cada condimento para o elixir com o qual lhe presenteou. Afligi-lhe a alma como uma lâmina perfurando seu dorso quando o Rei, aos goles, o bebeu por inteiro. Nenúfar agradeceu secamente e partiu, deixando para trás a feiticeira padecente em penitência, que em nenhuma noite mais deixou de chorar pelo espírito de seu para sempre amado, que talvez nunca mais pudesse amar.

Lírio-do-Vale escutou espantado toda a história. Tomou-se de compaixão ao perceber que a maldição que tornara gelado o coração do Rei se realizara por amor.

Ficaram em silêncio por bastante tempo.

Lírio-do-Vale explicou, então, que vinha representando o amor da Rainha Orquídea, e da mesma forma que pelo amor de Nenúfar ela preparara-lhe o elixir que endurecera seu coração, o amor de Orquídea suplicava para tê-lo de volta como era antes.

Tulipa Amarela sorriu. Revelou que há anos desenvolvia uma essência capaz de reverter o feitiço que emparedava o coração de Nenúfar. Agora que finalmente chegara a seus domínios alguém com tanta força de vontade e tanto amor capaz de ultrapassar suas provas, ela podia oferecer sua redenção. Deu a Lírio-do-Vale as essências, explicando que bastaria que Orquídea o banhasse as usando para que o encanto dissipasse a maldição. Inebriar-se-ia de sono, dançaria novamente com seus sonhos e, ao acordar pela manhã, seria novamente o velho Rei.

Lírio-do-Vale agradeceu, ainda muito admirado, e deixou a solitária Tulipa Amarela, com seu sorriso singelo e sabedoria tão recoberta, seguindo com as essências pela última vez ao Castelo de Turfa.

A Rainha o recebeu com enorme expectativa e só faltou chorar seu próprio sangue de tão emocionada ao ouvir toda a história. Abraçou seu amigo com um afeto insubstituível e choraram juntos de emoção pela chegada bem-sucedida ao fim da tortuosa busca.

Lírio-do-Vale saiu sorridente, não podendo deixar de admirar os olhos brilhantes da Rainha. De tão cansado, mais pelas interações não perseguidas que pelos caminhos percorridos, dormiu por tempo demais. Já era tarde quando saiu do quarto que lá lhe emprestaram e retornou apressado para os salões principais.

Por mais confiança que tivesse em seu triunfo, jamais poderia imaginar o que encontrou. No castelo, o casal real dava uma festa que toda a cidade acompanhava. O Rei Nenúfar, sorrindo como uma criança, beijava as mãos da Rainha com enorme sentimento, que transparecia em seus olhares e transbordava em alegria para todos os presentes. Todos dançavam, brincavam, corriam e bebiam. A Rainha Orquídea observou Lírio-do-Vale chegando, ao longe, e o convidou imediatamente para junto dela, com seus olhos brilhando como diamantes. Apresentou-o a Nenúfar, que, com alegria, o abraçou, congratulou e ofereceu não somente a mais que devida participação naquela festa, como também o agradecimento de todos ali presentes na forma de um grande “hurra!”. Lírio-do-Vale, encabulado, vermelho como um cravo ruborizado por sua beleza, agradeceu os agradecimentos com timidez.

Nunca Lírio-do-Vale obtivera tanto reconhecimento por um êxito seu, mas a única felicidade que dele emanava provinha do gosto que proporcionara à Rainha Orquídea, que amava apesar de saber que não teria tal amor, da forma com que sentia, retribuído.

Ao final o Rei Nenúfar, ainda muito emocionado, ofereceu-lhe o posto de chefe dos besoureiros reais. Lírio-do-Vale se sentiu honrado, mas recusou, alegando que devia partir por motivos de seu coração. O Rei Nenúfar sorriu e pensou que era uma dama de sorte essa que fazia tão valoroso aventureiro recusar o prestigioso posto.

Seu grande feito, segundo seus pensamentos ocultos, deveriam lhe causar amor. Mas como não sentia que o recebia, automaticamente pensava que não fora bom o suficiente. Portanto, não se acreditava merecedor daquelas honras. Orquídea o agradecia, mas sabia que ela não o amava.

Lírio-do-Vale abraçou finalmente o Rei, e ambos desejaram-se sorte, saúde e sucesso. Abraçou pela última vez, com as lágrimas escondidas sob suas pálpebras, a Rainha Orquídea, que mais uma vez lhe agradeceu intensamente e lhe desejou a melhor das sortes.

Despediu-se com afeto e viajou novamente em Saudade em busca de outro grande feito, para quem sabe um dia encontrar o mesmo o amor que fora capaz de resgatar, mas que jamais conhecera.

FIM

A Era da Segunda Inocência

É muito difícil traduzir para esta língua arcaica e complicada, a qual se chamava “português”, de uma época em que havia gente por toda parte do mundo e talvez por isso se comunicassem as pessoas em diferentes línguas, os acontecimentos reveladores que envolveram o clérigo de Naim-in durante o que pode se referir como o “classicismo” da Era da Segunda Inocência, a história depois da história - - os tempos dos homens salvos por Satlus.

Durante esse período, muito se tentou compreender sobre a história antes da história. As inscrições esparsas encontradas nas grandes torres de metal caídas dos céus, nas placas encontradas em escavações, sabendo os recém surgidos cientistas que muito já se havia perdido - relíquias derretidas para ser transformadas em armas e troféus de guerra.

Perguntavam-se, esses cientistas (todos clérigos de Satlus, pois somente ao clero se permitia levantar hipóteses), como foi possível que a cultura daqueles tempos houvesse perecido. Especulavam que os mais antigos sabiam preservar sua história de algum modo em pedras, plantas ou animais. Mas que com o passar do tempo conseguiram gravar a história com magia poderosíssima, em alguns poucos totens de conhecimento que podiam ser acessados por todos através do ar. Chegaram a imaginar se em alguma as pequenas placas verdes, cobertas de saliências redondas, não poderiam estar inscritas, num código indecifrável, os grandes feitos daquela época.

O que teria acontecido? Satlus os salvara, disso sabiam, e resgatara aos homens sua inocência perdida. Os homens se superaram – puderam voar, alçar aos céus e ao espaço – tornaram-se super-homens! Teriam, com isso, perdido a magia? Satlus era poderoso e resgatou aos homens o direito de serem poderosos. Podia ser um desses homens tenha então proibido a magia e assim a história tenha desaparecido.

Pois em seguida as grandes torres construídas para alcançar as estrelas caíram dos céus e até hoje se conta, embora muitos não acreditem, que todos vieram dos homens e mulheres que caíram com as torres. Satlus lhes teria dito: “Sois poderosos. Retornem, inocentes, se superem, retomem vossa terra!”

Pois esse sempre foi o desejo de Satlus. Ele matou Nagier, um grande demônio que mantinha as pessoas em pecado. Havia sido uma época de pecado e de magia, uma época que desagradou Satlus. Satlus libertou a humanidade de Nagier e lhe devolveu a inocência.

O clérigo de Naim-in sempre foi grato a Satlus por viver em inocência. Entretanto, havia um desejo que o inflamava. Pedia, implorava a Satlus que o satisfizesse: queria conhecer as primeiras histórias sobre seus feitos, encontrar os escritos de seu primeiro profeta, o qual então só se mencionava sem certezas, misturado a lendas outras, de histórias que mesmo os mais antigos apenas haviam escutado falar.

Havia 20 anos que outro clérigo, o de Gumbem, encontrara artefatos arqueológicos que poderiam mudar para sempre o conhecimento da história antes da história. Numa câmara soterrada, ele e sua comitiva encontraram diversos materiais produzidos com algum antiga técnica de se reduzir a espessura de uma planta e deixá-la branca, de modo que inscritos, até então encontrados e decodificados de forma esparsa nas torres caídas dos céus,

existiam aos montes e de forma ordenada em pilhas dessas plantas coladas juntas, que podemos traduzir agora como “livros”.

Os parcos conhecimentos de hieróglifos foram aplicados e revitalizados pelo clérigo de Gumbem e sua equipe. Diversos outros cientistas, fascinados com as possibilidades abertas pelos conhecimentos antigos, partiram em jornadas na busca por mais “livros”. Quem sabe, talvez, até pudessem aprender a magia antiga?

Para o clérigo de Naim-in só importava saber mais sobre as origens de Satlus; para tanto, partiu na jornada mais perigosa de sua vida – para o norte, para as terras geladas, onde diziam as lendas que teria vivido o primeiro profeta.

Não nos cabe aqui narrar as desventuras do clérigo de Naim-in e sua comitiva por montanhas nevadas, belos lagos e florestas infinitas. Bem se sabe que sofreu, que doenças desconhecidas à sua constituição física quase o mataram por duas vezes. Dizem que foi traído por um dos seus, quando finalmente alcançou as ruínas de uma imensa construção dos tempos passados, e que teve que duelar até que o rendesse sem vida.

Pois aquelas ruínas contavam com muitos e muitos livros, guardados em caixas e preservados pelo frio e a pouca umidade. Talvez tenha sido um castelo que os antigos ergueram somente com o intuito de guardar essas relíquias vegetais – quem poderia dizer?

O que importa é que lá se instalaram e estudaram. Elaboraram um sistema logístico com o apoio do clero para receber provisões e ferramentas. Anos se passaram até que começassem a compreender melhor o sistema de pensamento e de linguagem, esta tão pouco similar à decifrada pelo clérigo de Gumbem.

E foi lá que ele, o clérigo de Naim-in, fez a descoberta que lhe arrepiou os ossos, coriscou seus olhos e lhe justificou a existência. Precisaria compreender e ponderar seu achado antes de divulgá-lo à comunidade religiosa. Pois lá, além de encontrar diversas menções ao livro do demônio Nagier, cujo nome na língua dos antigos era “Javé” ou “Jesus”, não entendeu ao certo, ele encontrou o primeiro livro sobre Satlus - o livro do primeiro profeta, teve certeza. E sua mais feliz descoberta foi o nome original de seu grande deus: Zaratustra.

FIM



Capas

Por volta das dez da noite, o Vingador Lunar sobrevoava o Rio de Janeiro, sob a sombra que a luz da lua projetava através de sua capa roxa e prata. Essas também eram as cores de seu uniforme, projetado por seu pai, Raimundo Neves, que foi advogado e corretor em Caxias, onde moraram, e que sempre entusiasmou o filho com histórias de super-heróis. Eram a paixão do velho, que costumava reforçar que houve um tempo em que os supers só existiam no cinema e nas histórias em quadrinhos.

As histórias encantavam o pequeno Antony; já sabedor da existência dos caros flutuadores magnéticos, que permitiam a qualquer pessoa com acesso e muito treino flutuar sobre as cidades, além dos diferentes implantes disponíveis graças aos avanços da medicina, decidiu desde menino que se tornaria um super-herói. Felizmente havia um cursinho num bairro próximo em que ele pôde treinar todos os dias mesmo sem possuir o aparato. Quando completou 21 anos, já tendo sido vencedor de inúmeros torneios de voos acrobáticos e batalhas pessoais aéreas, seu maior sonho se realizou: ganhou os flutuadores magnéticos como prêmio do campeonato municipal, série C. Mandou costurar o uniforme que seu pai havia desenhado quando ele ainda era criança. Tornou-se o Vingador Lunar, o protetor das noites cariocas!

E lá estava ele, o Antony, o Vingador Lunar, sobrevoando o Leblon como costumava fazer todas as noites, exceto quando estava em algum evento específico ou, mais raramente, numa missão.

Avistou uma super-heroína ao longe, perto da Cobal, logo se interessou. A técnica de voo da moça era razoável, parecia ser daquelas boas de acrobacia porém sofríveis em combate. Ela vestia um uniforme em peça única, decotado ao extremo na parte superior e quase não cobrindo as nádegas na parte inferior. Parecia de lycra e se unia somente nas laterais, deixando barriga e costas à mostra. Era amarelo com manchas negras e uma máscara da mesma cor e estilo, apenas delineando os olhos, completava o figurino.

Exceto pelos reguladores nos quadris, todos os flutuadores magnéticos também ficavam visíveis nos pés, joelhos, mãos, cotovelos e ombros, o que no passado seria estranhado; um dos charmes dos primeiros aeroacrobatas estava no mistério sobre seus aparatos e se costumou manter essa tradição desde que surgiu o primeiro super, no programa “Quem quer ser um super-herói?”. Aliás, graças ao lobby da emissora e popularidade do programa que foi possível aprovar a Lei dos Justiceiros, que permitiu a concessão de direitos policiais e implantes especiais aos interessados em se tornar super-heróis desde que aprovados e credenciados. Antony se aproximou.

- Olá, está sozinha?

Ela sorriu.

- Achei que você ia perguntar primeiro se eu voava sempre por aqui.

- Ah, preferi mudar a ordem! – Riram.

- Você tem sorte. Tô sozinha sim. Sou a Onça Ferina, e você? (Mostrou unhas postiças que se projetavam para frente ao toque de um botão anexado à primeira falange do indicador.)

- Sou o Vingador Lunar. Tenho visão noturna, uma beleza! (Na verdade, a cirurgia que ele fez aumentou muito ligeiramente sua captação de luz e jamais o havia ajudado em coisa alguma.) Nunca tinha me visto? Eu estive há uns dois meses no Gordão do Domingo, agora eu tô fazendo parte dos Crepusculares. Nós aparecemos logo depois da entrevista com o Capitão Amazonas.

- Ai, ele tá caquético, né? E olha que quando eu era mais nova, meu sonho era ser amazonete. Ridículo, né? (Antony sorriu. Quando ele era criança, o Capitão Amazonas era seu herói favorito. Dele era o único álbum de figurinhas que tinha completado. Mas depois de um tempo o Capitão passou a fazer missões de menor vulto, nunca mais ganhou prêmios. Parecia mais conveniente ignorá-lo.) E você, vem sempre aqui?

- Só quando não estou em missão. Sabe como é, aqui é bom para fazer contatos. Não adianta ser bom, tem que ter mídia, tem que estar nas paradas. Senão você é esquecido.

- Com certeza! Tô sempre aqui também, tô fazendo meu nome aos poucos, né? Você já fez alguma missão junto com os Crepusculares?

- A gente participou daquele megaevento dos trabalhos de Hércules, você chegou a acompanhar? - A Onça Ferina acenou positivamente, demonstrando interesse. Sacou um cigarro e pôs-se a fumá-lo - Nós fechamos um contrato com a Red Buffalo, então fizemos a corrida da corça, foi bem legal.

- Ah, eu acho que vi esse na televisão. Foram umas vinte missões, não foram?

- Não, foram só dez, porque foram baseados nos trabalhos de Hércules, um super lá da Grécia, acho que até já morreu.

- Aquele da limpeza foi o máximo!

- É, a gente tava cotado para esse da limpeza, era o melhor contrato. Foi uma empresa nova de sabão em pó que financiou, mas nosso agente disse que eles não gostaram da nossa imagem noturna, sabe como é, essas frescuras de publicitário. No final o da corça foi muito melhor pra gente. Abriu várias portas. (Na verdade, pensava Antony, não, o da limpeza havia sido melhor.) Mas pô, o melhor mesmo foi a festa que teve no final, no Castelo da Ilha de Capas. Festa regada, vários supers, só gente de alto nível!

- Ai, sempre quis conhecer! Eu já apareci na Capas uma vez, mas foi só uma ponta de uma página, nem foi assim sair numa revista, assim de verdade, sabe?

- Que isso, já é muito legal! Você vai chegar lá. Dá para ver que você é talentosa, além de ser assim toda linda.



Antony a olhou de baixo a cima e ela riu. Em seguida aplicou uma técnica básica de agarramento de aerocombate e a apertou contra seu tórax.

Sussurrou com a boca na altura dos olhos dela: “eu ainda vou te levar para o Castelo de Capas, oncinha”. Beijaram-se. Ele logo a levou até o Joá, onde os amantes aéreos da Zona Sul costumavam se concentrar para amassos; quem sabe algum super de prestígio ou alguns paparazzi não o viam ali com aquela nova beldade? Como estava vazio, ela o convenceu a rumarem logo para a casa dele, que ficava num condomínio de luxo na Barra.

O Vingador Lunar estava numa fase boa e sua riqueza material era notada tanto na extensão de sua enorme mansão de dois andares quanto no provável preço pago por seus bens. Na sala de ... estar? se notava um imenso leão de bronze, de bocas abertas (“ele representa para mim a força e a coragem para vencer”), uma gigantesca peça de madeira representando um louro fustigado, sangrando, pregado a uma cruz, o qual um historiador ignorante de símbolos católicos acreditaria se tratar de um escravo germânico insurgente punido por seus senhores romanos (“tudo o que conquistei eu devo a Deus meu senhor Jesus Cristo”) e um quadro de 2m x 1m de um homem triste sobre uma serpente disforme (“sempre gostei de histórias de dragões, fiquei devoto de São Jorge por causa disso”).

“E você, já enfrentou algum supervilão?”, perguntou a Onça Ferina depois de transarem na enorme cama redonda do quarto no segundo andar e seus arredores, enquanto Antony se comprazia com o bom resultado de seus novos anabolizantes.

- Ainda não, mas estamos com um projeto. É só um boato, mas parece que um super está querendo se rebelar. Se isso acontecer, nós os Crepusculares que vamos pegar ele.

Antony ficou morrendo de vontade de contar a verdade – exhibir-se com informações lhe parecia o mesmo que exhibir-se com as mais caras peças de ouro – mas lembrou da recomendação de seu assessor: se a informação vazasse, cancelariam os contratos. O fato é que eles haviam articulado com a Federação de Cosméticos que o Pavor da Noite, um dos Crepusculares, se rebelaria e se tornaria um supervilão.

Assim, por uma semana serão publicadas variadas notícias de que ele se tornou uma ameaça enquanto o protegem. O mais importante é que em suas fotos constarão crateras na pele, sujeiras, barba por fazer. Passada a semana, ele será capturado pelo restante do grupo, aqueles que estão com a pele boa. Ele será julgado, porém, como não haverá provas, será absolvido. A Federação prometeu uma bolada para todos, especialmente para o Pavor da Noite. O grupo de empresários estima aumentar a venda de cosméticos de 10 a 20% após o caso. Todos saem ganhando.

Essa missão não estava exatamente nos sonhos do menino Antony, mas trará boa mídia e boa grana. Não adianta ser bom, tem que estar na mídia, senão você é esquecido. E tem que ter dinheiro para poder bancar a vida de super, atualizar os aparatos, dar festas. Depois, com calma, ele terá a chance de realizar uma missão de verdade, como sempre sonhou.

Mas não amanhã. Amanhã é melhor sobrevoar ali pelo Leblon, encontrar o pessoal, fazer contatos. Quem sabe dessa vez não sai de novo com uma super e é flagrado por paparazzi? De repente até aparece na Capas do mês que vem.

FIM